

## UM DISCURSO DE IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA AIDS E DO GAY<sup>1</sup>

Walber Ferreira da Silva<sup>2</sup>

“O amor que não ousa dizer seu nome neste século’ é uma grande afeição de um homem mais velho por um mais jovem... É um sentimento profundo e espiritual que é tão puro quanto perfeito. Dita e permeia grandes obras de arte tais como as de Shakespeare e Michelangelo... É belo, é superior, é a mais nobre forma de afeição. Não há nada antinatural nela... O mundo a ridiculariza e, algumas vezes, coloca alguém no pelourinho por causa dela”.<sup>3</sup>

Este estudo em fase de conclusão é parte de meu objeto de pesquisa de minha pós-graduação lato-sensu;. Em meu trabalho, faço uma análise dos discursos sobre as práticas homossexuais registradas na revista *Veja* nos anos de 1980 e que constroem identidades e representações para o gay e o soropositivo. O recorte temporal foi escolhido por se tratar do período em que a AIDS “surgiu” em nosso país, se tornando mais um personagem para essa história somente de “vilões”<sup>4</sup>. A política das identidades necessariamente surge quando se discutem as diferenças. Segundo Boaventura Santos, quem questiona sobre sua identidade está contribuindo para repensá-las e para repensar o jogo de forças que as estruturam

Em meados de 1983, quando já haviam ocorrido mortes por causa da AIDS, ainda sem visibilidade na imprensa brasileira, surge uma notícia de três páginas sobre a morte de Markito, um estilista famoso no eixo Rio-São Paulo, que costurava para uma elite sempre estampada nas colunas sociais dos jornais da época.

A notícia dizia que uma doença letal que atacava homossexuais do sexo masculino nos Estados Unidos e Europa fazia uma vítima aqui no Brasil<sup>5</sup>. A *Veja* não foi o primeiro veículo de comunicação a transmitir esta informação de forma sensacionalista, também não é minha intenção querer descobrir quem a fez primeiro, no entanto, a revista lançou mais uma fala em meio a tantas outras que começam a criar uma representação para o gay e para a doença Aids.

Antes desta notícia, ainda nos anos 1980, a *Veja* – revista de cunho político<sup>6</sup> traz poucas notícias sobre homossexuais, mas sempre de forma pejorativa; Em 1982, o periódico traz uma notícia sobre um caso de duas mulheres da Áustria que tem um “contato libidinoso” e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Pós-Graduando pela Universidade Federal da Campina Grande.

<sup>3</sup> Citado por Eliane Borges Berutti, em “Voz, olhar e experiência gay: resistência à opressão”. In: SANTOS, Rick e GARCIA, Wilton (orgs.). *A Escrita de Adé*. São Paulo: Xamã, 2002.

<sup>4</sup> Eu me refiro ao período em que a doença Aids teve visibilidade nos veículos de comunicação do período estudado.

<sup>5</sup> “A doença errada”, em *Veja*, 14 de setembro de 1983.

<sup>6</sup> Esta afirmação parte do pressuposto de que a maior parte das reportagens do periódico tem uma conotação política e partidária.

em meio as informações dadas a reportagem termina por concluir que se trata de uma “aberração da natureza”.

A partir da notícia do estilista, está aberta a discursão sobre o “câncer guei” ou “peste gay”, a palavra câncer, usada pela associação feita as manchas que aparecem em soropositivos em estado terminal – os sarcomas de Kaposi – e a “peste gay”, passa a ser usada para definir uma doença letal que ataca sobretudo homossexuais.

Depois desse episódio, como em um efeito dominó, vários casos de AIDS começam a aparecer em pequenas notas na revista que ainda não se posicionou a respeito da doença, embora já havia manifestado seu preconceito com quem é nomeado com uma identidade gay, a exemplo da “aberração da natureza”. Como os casos de AIDS, em sua maioria aparecem em São Paulo, a Secretaria de Saúde daquele estado, monta todo um programa para diagnosticar, controlar e tratar a doença.

A partir disto a revista *Veja* começa a alfinetar seu preconceito com quem é gay usando agora a AIDS como fio condutor para seu discurso heterossexista ; o periódico noticia a ação da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, porém deixa bastante claro que a prioridade no país deveria estar para as “doenças da pobreza”, e que a Aids era uma doença de “gente rica” e quem deveria tratá-la era os grandes centros médicos dos Estados Unidos.

Os casos de Aids aumentam em nosso país não escolhendo sexo, cor, raça ou condição social, ela atinge já em 1985, 400 casos oficialmente registrados. Em setembro de 1985, mais uma notícia – a morte de um diretor teatral e um cenógrafo – a notícia não termina apenas com o anúncio de vítimas da AIDS, mas mostra também o pânico da população com a doença, ao falar que, em estado terminal, os amigos e parentes das vítimas só podiam vê-las de longe em isolamento<sup>7</sup>. A representação trazida pelas informações da *Veja* até 1985 mostra a reprodução de um discurso já sedimentado na sociedade brasileira que por não conhecer e nem saber controlar a AIDS, começa a excluir estas pessoas tentando homogeneizá-las e prendê-las em um grupo de risco. É um convite forçado ao enrustimento, uma voz que ecoa aos quatro ventos: “gays! Não saiam do armário<sup>8</sup>, pois a AIDS vai te pegar!”. A *Veja* é então mais um disseminador, mais um aparato tecnológico para a reprodução desse discurso já fomentado na sociedade brasileira.

A *Veja* reproduz com as notícias das vítimas da AIDS o medo de uma sociedade de pegar uma doença “de gay”, trata-se de uma doença moral, pois as vítimas são descritas nas reportagens como solteiros de meia idade, levando ao leitor a idéia preconcebida de que, quem é solteiro com “idade para se casar” e não o faz, é homossexual e pode pegar AIDS.

---

<sup>7</sup> “A síndrome na ribalta”, em *Veja*, 18 de setembro de 1985, p.84.

<sup>8</sup> Código de sociabilidade de gays, lésbicas e simpatizantes que dá sentido ao assumir-se homossexual, perante a sociedade dita normal.

Em setembro de 1985 é noticiado na revista, o caso de um cabeleireiro do interior do Estado de Minas Gerais que estava “querendo passar AIDS” para a população de sua cidade, tomando banho na piscina do clube local da cidade. Ele foi levado por policiais a cidade vizinha Uberlândia, através de mandato expedido pelo promotor de Justiça, para “se tratar”. O rapaz ao voltar a sua cidade Araguari, não teve sossego, pois era mal visto e recusado de sua presença em qualquer local público, recebendo o apoio inclusive, do delegado regional que afirmou “se ele aparecer lá vai ser queimado vivo”<sup>9</sup>.

A revista *Veja* parecia neste período o *Índex*, instrumento utilizado na Idade Moderna pela Igreja Católica para mostrar e catalogar os livros proibidos, por serem de pecaminosa leitura, além de afronta ao discurso dominante da Igreja neste momento. Eram poucas as notícias sobre os avanços da Medicina a respeito da doença, e em todos os veículos de comunicação, quando se referia sobre a AIDS, precisava propagandear e listar o nome dos doentes, como um serviço de utilidade pública a população que “precisava” se prevenir daqueles que poderiam passar-lhe a doença.

Aconteceu assim com Darcy Penteado – pintor conhecido no eixo Rio-São Paulo, que a *Veja* mesmo sem sua autorização publica uma nota em que diz “Darcy está recluso em sua casa de praia, muito deprimido e doente, escrevendo um livro sobre AIDS”. Em contrapartida, cabeleireiros ou outros profissionais que tivessem contato com uma grande clientela e que estavam na mira dos boatos como “doente de AIDS”, sem estar com a doença, eram também colocados na revista com foto empunhando atestado médico de boa saúde, para os leitores poderem entrar em contato livremente com estes cidadãos.

A lista do novo *Índex* era grande, muitos famosos caíram na malha da fofoca e do preconceito generalizante, era preciso muito pouco, para estes jornalistas que compunham uma das revistas mais sérias e politizadas do país, “acharem” que pessoas estivessem com AIDS, uma camisa diferente, uma cor da moda, um gesto “desmunhecado”, eram suficientes, para famosos artistas ou profissionais liberais que atendessem a uma boa clientela, estarem doentes em estado terminal da “peste gay”.

O terrorismo vindo dessas informações não se restringia a *Veja*, pois os meios de comunicação trabalhavam para um mesmo ideal, de um modo geral, o panorama montado é de uma onda de terrorismo realizado por todos que tinham o direito de por uma nota no rádio, televisão, jornais e revistas. O jornalismo das revistas semanais tinha uma clientela de leitores de uma camada média urbana e letrada, a qual recebiam textos através destas que faziam-nos acreditar que o terror estava instaurado no seio da família brasileira. Era o mal que veio semear a discórdia, o desespero e a destruição, para muitas famílias brasileiras.

---

<sup>9</sup> “Primeira Vítima”, em *Veja*, São Paulo, 4 de setembro de 1985, p. 109.

A revista *Veja* usava suas páginas de papel agradável para folhear, e fotos coloridas para prestar esse serviço às famílias médias urbanas, tal qual noticiou uma reportagem de nome “Encruzilhada da Aids” em maio de 1987, nas páginas estavam a notícia de um comerciante do interior de São Paulo que ao receber o resultado de que estava soropositivo, matou a esposa e filhas, por achar que tinha contaminado sua família depois de doado sangue para elas<sup>10</sup>.

Eram muitos que por pânico da doença, propagandeados por uma mídia preconceituosa, se autodestruíam, fortalecendo a imagem criada pela *Veja* e outros meios de comunicação da época sobre a doença e o guei. Não se sabe, se o comerciante, pai de família suicidou porque sua esposa e filhas iriam saber que ele “era gay” por estar com AIDS, ou matou-se por transmitir o câncer gay a sua família. O homossexual passava a ser um bode expiatório, era ele o culpado de tanta gente contaminada com o vírus HIV.

O vírus não era a doença e sim o gay que disseminava a morte com seus atos incoseqüentes e sua vida mundana. Em entrevista as páginas amarelas da revista *Veja*, uma coluna chamada “ponto de vista”, ainda existente em edições recentes, aparece mais um combatente das forças do mal, o Dr. Vicente Amato Neto – chefe do Departamento de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina da USP – este respeitado senhor usava com a permissão da revista *Veja*, este veículo de informação para denunciar o homossexuais.

Em seu ponto de vista<sup>11</sup>, o Dr. Amato Neto dizia que os gueis “não tinham qualquer sensibilidade à grandiosidade da desgraça” com seu “comportamento indevido”, e ainda professava sua insatisfação com este grupo, ao dizer que “eles confessam que se sentem felizes e orgulhosos ao contribuir para a difusão da virose”, será mesmo que alguém disse isso a ele? Não satisfeito, o médico termina sua entrevista a *Veja* dizendo que ao invés de os órgãos de saúde pública apoiarem irregularidades, como “os atos sexuais anormais e os vícios”, estes órgãos devem agir com “a ênfase devida” e exterminar quem está matando nossas famílias.

Para o Dr. Amato Neto, ser gay era sinônimo de irresponsabilidade com seu próprio corpo e com o corpo do outro. Passavam-se as semanas e a cada revista que saia uma notícia infame sobre a AIDS vociferava palavras negativas contra o homossexualismo. Já no fim da década de 1980, no último ano, para fechar com chave de ouro, em abril de 1989, o periódico lança a manchete “Cazuza: uma vítima da Aids agoniza em praça pública”<sup>12</sup>.

A onda de terrorismo usada pela revista para falar de gays e doentes de AIDS já era tão comum que a redação não podia perder a chance de noticiar de forma sensacionalista a doença de mais um “vilão” famoso, Cazuza – cantor e poeta que viveu o mal-estar da

<sup>10</sup> “Encruzilhada da Aids”, em *Veja*, 27 de maio de 1987, p. 88.

<sup>11</sup> “A luta contra a Aids é tímida”, de Vicente Amato Neto, em *Veja*, coluna “ponto de Vista”, 24 de dezembro de 1986.

modernidade, que em suas canções, falava sobre os problemas da sociedade brasileira, uma política imunda, e também de sua doença, não uma doença pessoal, mas uma doença do povo brasileiro, um mal que havia se aclimatado em nosso país e que o poeta cantava em suas canções as desgraças dessa peste.

Sem a sua permissão ou da sua família, o repórter fez uma matéria de capa, que aterrorizava seus leitores com a foto de Cazusa em estado terminal de sua saúde, com mais de vinte quilos mais magro, braços cruzados e óculos no rosto para esconder os traços de seu rosto vitimado pela doença.

As práticas discursivas e não-discursivas da revista *Veja* na década de 1980, serviram para silenciar e estereotipar a identidade homoerótica no Brasil, segundo Reis (2000), é a desigualdade e não a pobreza o “aspecto distintivo da sociedade brasileira”. Assim, mas do que a desigualdade material, são as outras formas de desigualdade que perpetuam as diferenças.

É lamentável perceber como, em muitas ocasiões e em muitos espaços sociais, o tratamento com as diferenças está baseado em discriminação, preconceito e exclusão, demonstrando assim, um desconhecimento dos parâmetros de sua construção. A discriminação, o preconceito e a exclusão passam a ser formas de negar as diferenças, talvez porque elas fazem pensar as “verdades” e as identidades. Essa visão está, nesta perspectiva, agindo muito mais para perpetuação dessas diferenças do que para sua superação, exigindo posturas e tentativas de mudanças.

Buscando aprofundar o diálogo entre identidades e diferenças, bem como refinar os conceitos de hibridização e multiculturalismo, recorre-se a Canclini (1999), que afirma que as reivindicações de espaços públicos para a inserção desse diálogo resultarão no reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las. Em outras palavras, o autor defende que esse reordenamento não faz parte do processo de homogeneização atribuído à globalização, mas o seu inverso, fazendo com que o multiculturalismo seja indissociável da globalização, visto que ele representa a luta contra a homogeneização e pelo próprio reordenamento das diferenças e identidades. Pesquisar as identidades plurais, considerando seus interesses e desejos, é pensar a recomposição das relações sociais, como defende Canclini(1999).

A luta por reconhecimento expõe as injustiças. Além disso, no caso dos homoeróticos, ela tem como objetivo garantir que estes não sofram certos tipos de violência de que são alvos constantes. De fato, a luta por reconhecimento das identidades representa unir o público e o privado, perceber que a construção das identidades não é apenas uma questão individual, mas que têm relação com as imagens que estão presentes na sociedade e que se vinculam

---

<sup>12</sup>Revista *Veja* em 26 de abril de 1989.

o tempo todo com a construção pessoal. Portanto, lutar pelo reconhecimento é acima de tudo lutar também para se alterar essas visões das identidades homoeróticas que estão presentes na sociedade e que vão influenciar as elaborações individuais. Essa luta se refere a identidades públicas. Não significa lutar por liberdade interior, mas pode expressar publicamente aquilo que os une ou que os identifica como grupo.

Atualmente, muito das representações sobre os gueis que dominam o senso comum mantem viva essa definição de doença, perversão e pecado, fornecendo-lhe sempre uma visão única e homogeneizadora de toda coletividade, demonstrando, consciente ou inconscientemente, o desconhecimento das variações possíveis que existem no interior dessa categoria.

## **Referências**

CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

REIS, Elisa. Dossiê desigualdade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.15, n. 42, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Rick e GARCIA, Wilton(orgs). A Escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil. São Paulo: Xamã, 2002

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.